MANOEL DE BARROS E OS EXERCÍCIOS POIÉTICOS DE UMA DIDÁTICA DE INVENÇÃO: O TRANSVER, O REPETIR E O COMPARAMENTAR

Bibiana Munhoz Roos[1]
Cristiano Bedin da Costa[2]
Maria da Gloria Munhoz Roos[3]

Ponto De Partida

"há pessoas que se compõem de atos, ruídos,
retratos.
Outras de palavras.
Poetas e tontos se compõem com palavras".
Manoel de Barros, Gramática expositiva do chão.

Anúncio

Este não é um texto *sobre* Manoel de Barros. Tampouco *sobre* poesia ou *sobre* educação. Textos *sobre* não são interessantes. Neutros, distantes, eles conseguem ser, com sorte, corretos. Aqui, decididamente, não é este o caso. Seria antes, tal como diria Deleuze (2006, p. 15), um colocar-se "na intenção de", ou seja, escrever *por* uma didática poética, feita sobretudo de palavras e seus despropósitos; compor, *com* Manoel de Barros, uma anunciação de invencionáticas que, a despeito do que querem nos fazer acreditar tristes discursos vigentes, constam, dão de ombros e insistem em querer ser. Textualidade como que constativa: cintilações, quebras, zombarias, pequenos festejos de linguagem, transvisões do mesmo do mundo.

Aqui o delírio do verbo adoece o ensino, faz sangrar a aprendizagem. De repente um tuiuiú gorjeia e já não está sozinho. Uma folha é mastigada e dela saltam ternuras. Uma aula se cansa de ser sempre a mesma aula. A ignorância é matéria a ser aprendida. O em vão e a ruína se monumentam. E há "sabedoria vegetal" (BARROS, 1996, p.34) a ser obtida aqui e ali... Pelo pequeno. Pelo quase-nada. Pelo insignificante.

Essas pré-coisas de educação, poesia e vida.

Argumento

"Escrever nem uma coisa
Nem outra –
A fim de dizer todas –
Ou, pelo menos, nenhumas".
Manoel de Barros, *O guardador de águas*.

Transver o currículo através da subversão dos sentidos que o constituem.

Repetir tendo na repetição a condição de possibilidade da diferença.

1 Graduanda no Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIVATES. E-mail: bibi_roos@hotmail.com
2 Docente no Centro Universitário UNIVATES. E-mail: cristiano.costa@univates.br.
3 Docente na Rede Privada de Educação. E-mail: gmunhozroos@gmail.com

Operar por afinidades, retirando semelhanças e arquitetando comunhões entre planos divergentes e matérias disparatadas.

Transver, repetir, comparamentar.

É por meio de tais operações, pela fantasia de seus exercícios, que circulamos pelo universo de Manoel de Barros. Chão de terra. Pés descalços. Crueza de mato. Não haveria como ser de outro modo. Da obra, retirar aquilo que ela nos oferece, aquilo que nela nos cabe. Estar lá onde nela estamos endereçados.

Os cenários haverão de ser esses.

Quanto a nós, somos tontos. Lemos tontos. Escrevemos, quiçá, para tontos. Com sorte, haveremos de ser capazes de educar feito e para tontos. Para tanto, é preciso que nosso idioleto ganhe corpo, faça-se escutar por orelhas carnudas em meio a tantas orelhas de pau. Que nosso universo, o educacional, nos perdoe. Mas nós, assim como um poeta quando coisa, precisamos ser outros.

Três, somos a segurança dual mais outro. Sendo nós, somos o terceiro incluído, descompasso, vida ou morte: o melhor de nós são eles. Somos professor de gente grande, alma de gente miúda, exercitando-se no repetir como possibilidade da diferença. Somos professor de gente miúda, nunca conseguindo virar gente grande, arquitetando uma aula de comunhões. Somos mais e somos menores, bem menores. Somos aluno, tuiuiú em pleno voo. Somos um menino repetindo as tardes em quintais e pátios gradeados. Somos tontos em terra de sensatos. Somos prego que farfalha, alicate cremoso, rã, cobra, formiga, seis garrafas vazias, concha fechada em beira de rio e água de lamber peneira.

Somos isso e um tanto menos.

E desse lugar já fomos embora.

Repetir, Repetir... Até Ficar Diferente

"Para trás, todos os espíritos enxergam;
à frente – no futuro – só os criadores".
Paul Klee, *Geditchte*.

Arquissemas

"Ninguém consegue fugir do erro que veio" (BARROS, 2010, p. 374). Essa espécie de "currículo interior" (CARLAN, 2014, p. 75), composto de traços, memórias e marcações de ordens distintas, orienta a história singular de cada sujeito, configurando-se, também, como a indicação do sentido necessário a todo ato criativo. De certo modo, a invenção é capaz de encontrar no *qualquer um*, no *todo mundo* anônimo, ordinário, comum, um arcabouço inesgotável de possibilidades, todas elas garantidas pela errância com a qual a história escreve seus registros. Na origem, o erro, o desacerto, o casual, tudo isso que faz com que os dados voltem a ser lançados a cada instante: para uma nova combinação, para uma nova ordem. Condição necessariamente disparatada – e seria possível dizer: singular e criadora – de todo percurso biográfico: não se passa a régua no acaso.

Para Manoel de Barros, uma Didática da invenção – vital, poética, educacional – se constitui a partir da necessidade de esquecimento dos traços e doutrinas aprendidas em livros (BARROS, 2010, p. 385), o desaprender como condição para a aprendizagem dos princípios inventivos (idem, p. 298). Ocorre que, assim como os rios, que "recebem, no seu percurso, pedaços de pau, folhas secas, penas de urubu e demais trombolhos" (idem, p. 382), também os acidentes, as configurações aleatórias, os encontros, "recebem nossas torpezas, nossas demências, nossas vaidades", sujam-se de nós na viagem. Das tripas de nossa história, eis do que se livra o inusitado, a matéria escorreita e inédita filtrada pela criação.

Repetir é sempre repetir o erro, amplificá-lo, comparamentar proximidades insuspeitas, fazer do movimento errância, fazer da própria vida errância, pulverizar as horas dos dias com as *grandezas do ínfimo*. Repetir é, assim, um fazer convergir, em um instante presente, os vícios e impurezas da origem. Lembrar de esquecer, voltar para esquecer, tornar-se outro, descobrir-se novamente criança: fazer de cada fazer um fazer de novo nascendo, de cada prática desacostumada uma nova prática a ser aprendida.

É sobre essa necessidade de aprender a desaprender que fala Elton de Souza (2010), ao investigar a poética do deslimite de Manoel de Barros a partir de seu encontro com a obra de Paul Klee, pintor para quem a desaprendizagem configurava-se como uma necessidade autoimposta: ao perceber que a técnica e a forma precisa acabaram por aprisionar as imagens na tela, Klee passa a desenhar com a mão esquerda, a mão amadora, de criança que precisa aprender outra vez o traço em meio à novidade, à experiência e à descoberta. De certa maneira, trata-se de um novo artista, de uma nova obra, um universo infantil dentro do qual "brincar e inventar são as coisas mais sérias e verdadeiras" (SOUZA, 2010, p.66).

O que o desaprender garante, nesse sentido, é que a repetição não seja o retorno mecânico de uma prática e de um saber automatizados, mas sim a possibilidade de que o fazer torne-se algo a ser construído, experimentado em sua pureza de fontes. Lá onde a vida não tenha sido modelada pelas mãos, e onde a invenção não seja outra coisa que não uma necessidade vital. Tal como nos ensina Deleuze (2004, p.11), "não basta que tudo comece, é preciso que tudo se repita, uma vez encerrado o ciclo das combinações possíveis". Repetir até ficar diferente, ou seja, afirmar a lógica disparatada e selvagem das combinações então livres dos automatismos da razão, da técnica e do compromisso científico.

Se "quem se aproxima das origens se renova" (BARROS, 2003, p. 2), e se a poesia é mesmo esse "avançar para o começo" através do "criançamento das palavras" (BARROS, 1996, p. 47), o trabalho de Manoel de Barros bem pode ser resumido por um esforço de momumentar o insignificante, tornar palpável a matéria silenciosa com a qual se faz possível reencantar a própria existência, desarrumar a própria cartilha.

Para nós, desarrumar a cartilha é redescobrir a educação como "fonte de inauguramentos para a própria vida" (SOUZA, 2010, p. 119), ou seja, afirmar em cada lance de dados a sua diferença, aquilo que, a cada novo começo, deverá retornar.

A Disfunção

"Poesia é voar fora da asa" (BARROS, 1997, p.13), ou seja, voar por absurdez, por delírio do verbo, de maneira nada razoável. Perder o equilíbrio, o suporte, planar um voo desvairado, louco, guiado por estranhas lentes de contato, capazes de dotar de presença o "aroma ainda cego" e a "cintilância dos escuros" (BARROS, 2010, p. 368).

De fato, é voando fora da asa que a poesia pensa. É tirando as tripas das palavras que ela poderá "criar imagens que explicarão o que a linguagem corrente é incapaz de dizer" (CONCEIÇÃO, 2011, p. 95). Não se trata, porém, de uma descrição, mas sim de uma real encarnação, de um dotar de presença um tanto desse *vivo* que está longe de ser privilégio dos humanos.

Conforme percebe Lucia Castello Branco (2011, p. 134), esse pensar poético de Manoel de Barros funciona de uma maneira *sem pensa*, opondo-se, a todo o momento, ao pensamento acostumado, reto, e que insiste em interpretar, por exemplo, a escrita como um *só depois* do pensamento, um *só depois* da criação. Para Manoel de Barros, o delírio do verbo é trabalho poético, ou seja, a poesia só se justifica pela invenção, e não parece mesmo se importar com a porção do mundo onde essa invenção não encontre espaço para existir. Se não se inventa, é sem gosto, sem cheiro, sem cor, sem graça. Se não se inventa, mesmo que exista, falso é.

No *Tratado geral das grandezas do ínfimo*, o trabalho poético – essa existência que faz existir o nada, o silêncio, a rã, a lata, o cisco, o caramujo, o abandono, a pedra, a parede – é justificado

por aquilo que Manoel de Barros (2010, p. 399) diz ser "uma certa disfunção lírica", cujos sintomas – "vocação para explorar os mistérios irracionais", "gostar de fazer casamento incestuoso entre palavras", "amor por seres desimportantes tanto como pelas coisas desimportantes", "percepção de contiguidades anômalas entre verbos e substantivos", entre outros – acabam, entre outras coisas, "por dar mais importância aos passarinhos do que aos senadores" (idem, p. 400). Trata-se, perante as coisas, de não querer saber, de não querer se ocupar de seus sentidos e comportamentos, mas sim de inventá-los, dotando-as de novas possibilidades de conexão e existência, como se pode ler em "Uma didática da invenção" (BARROS, 1997, p. 11):

> Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.

Das coisas, retirar as utilidades, torná-las órfãs do prestar. Do mundo, fazer uma matéria inesgotável para combinações, rearranjos e transvisões.

A disfunção é condição para o transfazer, para a desinvenção de objetos através das palavras, dotadas de "função de não significar ou não comunicar, para que assim elas possam reinventar-se como sentido" (SOUZA, 2010, p. 71). Diríamos: talvez seja o caso de pensar em uma prática pedagógica fronteiriça, em uma arquitetônica pedagógica de bordas, à maneira daquilo que Deleuze e Guattari (1997, p. 36) denominam "zona de vizinhança", na qual o deslimite do homem encontra o deslimite do mundo, onde os seres são rascunhos, traços *impessoalizados*, *pré-coisados*, personagens de um "retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada" (BARROS, 1989, p. 64).

Disfuncionais, que possamos ser, pois, nada razoáveis.

Cenários

"A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá
mas não pode medir seus encantos".
Manoel de Barros, *Livro sobre nada*.

Aprender, ou procurar ser uma árvore

Pensar diferentes jeitos de aprender o aprender, ou aprender o exercício do não aprendimento, numa composição de ciência, leveza e simplicidade. Acreditar em uma aprendizagem inventiva, em um "exercício de coragem prudente", através do qual pode-se "desconfiar das próprias certezas, de todas as formas prontas e supostamente eternas, e por tanto inquestionáveis" (KASTRUP, 2007, p. 238). Enquanto aprendiz, estar além da simples recognição, da linearidade e da solução de problemas dados.

Com Manoel de Barros (2002), aprendemos que o entendimento pode seguir dois caminhos: o caminho da sensibilidade e o da inteligência. O primeiro diz respeito ao corpo, o segundo ao espírito. Ora, uma matéria corpórea – *essa* aula que se faz com o que se ama, *esse* texto que se escreve com o que se sangra, *essa* carne que se esfola com o que se sente, etc., etc., etc., – não reclama por compreensão racional, mas sim por incorporação, ou seja, a aprendizagem é sobretudo uma antropofagia, um devorar a matéria oferecida, ser composto por ela, e com ela escrever a própria história, suportar o peso dos dias. Nesse sentido, aprender é construir, com a matéria em questão, uma morada na qual um modo singular de existência pode ser efetivado. *Ethos* pedagógico, poiética de si – "entender é parede: procure ser uma árvore" (BARROS, 2002, p. 37).

Por essa via, o corpus de um autor é sempre um inventário de possibilidades, reais indicações para uma ética. Em Manoel de Barros, é sempre uma aprendizagem do pequeno que está em

jogo, uma espécie de reencantamento do mundo, que adquire uma nova textura através de suas insignificâncias e grandezas ínfimas. Com ele, aprendendo em seu meio, não deixamos de nos tornar menores, um pouco menos do que nossa razão pretende ser.

Uma Aula

Um dia de tantos dias letivos. Um professor de gente miúda.

Ele chega com uma caixa e pede para os alunos sentarem em círculo.

O professor abre a caixa, que diz ter sido trazida por um tuiuiú. E elas começam a invadir a sala de aula: classificações, contas, letras, problemas, mas também coisas, muitas coisas: objetos, pessoas, animais, vegetais, águas, tudo em vias de nascer ou recém nascidas. Tudo se mistura num grande acoplado de coisas. As cenas começam a se compor.

Reino: *Animalia*

Filo: *Chordata*

Classe: Aves

Ordem: *Ciconiiformes*

Família: *Ciconiidae*

Espécie: *J. Mycteria*

Um problema matemático.

– O quíntuplo das goiabas que Chiquito colheu no sítio é igual a 475. Quantas goiabas Chiquito colheu cada vez?

– Seria 95 goiabas colhidas no sítio.

– Perfeito.

– Sabe de quem era o sítio? Era o sítio onde Chiquito passava suas férias, o sítio do seu avô...

– O que é mesmo um sítio?

– Bom, na cidade temos a zona urbana e a zona rural...

– Espera professor, eu continuo. O sítio deve ser na zona rural, pois já vi isso na televisão, mas também acho que deve ser na zona rural, pois lembra rua, com pedrinhas de brilhantes, que nem a música que minha avó cantava para eu dormir. De rural por iniciar com r de rios, igual o rio que passava nos fundos da casa do vô Manoel, rio cheio de curvas.

– Ah, é o mesmo rio que passa na casa do meu avô Pedrinho.

– São as mesmas águas que passam nos fundos da casa da minha tia.

– Pode ser crianças...

– Não professor, nunca são as mesmas águas. Maria, você sabia que nunca entramos duas vezes nas mesmas águas?

– Por que, João?

– Porque as águas correm, correm professor, elas não param... assim, o rio pode ser o mesmo, mas as águas nunca.

– Um jeito lindo de pensar o correr das águas, João. Continuando pessoal...

– O mar, o mar...

– E o barulho do mar?

– Eu sei! Eu sei! Chuaaaaaaa... Esse é o barulho do mar, professor.

– Na escola também se canta, né?

– Cantar ou contar, deixe o nove voar.
– Mas para contar existe um sistema de numeração que usamos para representar os números e ele tem 10 símbolos, chamados algarismos...
– É que eu ainda estava na beira do mar, e comecei a contar as garças e a nona voou... O que é o vento professor?
– Agora eu respondo, professor!
– É quando caminhamos e nosso cabelo voa.
– É um jeito de pensar... Voltando aos algarismos.
– Mas vou lembrar dos dez algarismos, professor, se bem que tem coisas que não entendo, não seriam 11 símbolos? E o zero? Vale nada?
– Só vale junto com outro.
– Coitado, não sente as belezas de ser seu próprio companheiro. Viver no vazio. Na intensidade do nada.
– Mas e o nada, o que é o nada?
– Deixa professor, deixa que eu respondo!
– Bom, antes só para relembrar sobre o nosso corpo humano... Precisa ter um conjunto harmônico de órgãos, e sistemas que trabalham o tempo todo. Cada sistema com sua função específica. O cérebro é quem comanda tudo.
– Que triste, o coração não manda!
– Calma, calma, Beto... Já sabemos sobre o corpo humano, mas qual a relação com o nada?
– O nada. Bom, aí o coração fala mais alto! Para sentirmos o nada, nosso corpo é comandado pelo coração, pela pele, pelos ouvidos, pelos olhos.
– É simplesmente... Uma coisinha à toa, ínfima. Um brinquedo de gente bocó, imprestável, que aprende, que ensina, que ama. Nada mais a dizer sobre o nada, só resta aprender a aprender.
– Como, professor?
– Que além da classificação científica dos tuiuiús, também podemos sentir seus encantos. Que o quíntuplo pode virar história de belezas do sítio do avô Manoel.
– Que o nove pode dar um mergulho no mar.
– Que o vento também pode ser quando nosso cabelo voa.
– Que a menina avoada pode nos ensinar muitas coisas.
– E que aprendizagem pode ser dura, séria, leve, solta, triste e bela... tudo, numa linda composição.
– Sabe, professor, quando eu for grande quero escrever livros, quero escrever sobre as aves, medir, classificar, mas também sentir os encantos dos tuiuiús... Quero ser livrista!
– Que lindo, vais ser uma grande livrista! Uma grande escritora!
– Agora mais um pouquinho sobre o tuiuiú, um pouquinho da ordem do encantamento. Pássaros alegres. Gostam de estarem juntos. Dançam ao vento. Cantam e encantam.

Perguntas, interferências inesperadas, tempos que diferem, encontros de fluxos heterogêneos. Espaços para o Chiquito, a Catarina, a Maria, o Beto, o João e outros tantos, muitas vezes nomeados infames, lerdos, distraídos, avoados... onde entrariam no contexto da aprendizagem? Como poderíamos chamar esses movimentos? Devires? Criancices? Bobagens? Processos inventivos?

Um espaço de ciência, encantamentos e surpresas. Um espaço para comparamentar. Depurar palavras. Desconstruir lógicas. Entortar linhas. Desviar conceitos. Por uma maior capacidade de inventar problemas, criar linhas de fuga, e assim, a tentativa de desmontar algumas estruturas fixas da aprendizagem.

Para sentir os encantos da ave, necessitamos estar à toa. Monumentar o em vão, o chocho, oco, o desocupado, o escavado, esvaziado, o livre, o vazio, o nada.

Respire.

Solte seu corpo.

(Des) ordem também pode virar palavra de ordem

Sinta. Toque. Escute.

Olhe as belas cores do tuiuiú.

Coloque seus óculos mais simples.

Talvez, sua visão será preta e branca.

Menos cores.

Mais sabores.

Menos enfeites.

Mais deleites.

O menos!

Exercitar a desexplicação.

Sentir o sopro do nada.

Um Dia

Caminhar por uma rua de Corumbá, esbarrar em um homem de roupas rasgadas, puídas e sujas. Um morador de rua? Desta rua? Seria dele esse por onde eu ando?

Comia papel. Ou está com muita fome, ou é louco mesmo.

– Como é seu nome?
– Felisdônio.
– O senhor quer algum dinheiro para comer algo?
– Não preciso, por quê?
– Porque o senhor está comendo papel! Está com muita fome?
– Mas o que há de errado nisso?
– Papel não se come!
– E quem foi que disse isso?
– Ninguém precisa dizer, meu senhor, papel não se come, isso não existe!
– Ah, minha querida – ele suspirou, e com um sorriso sutil, prosseguiu – as coisas que não existem, por vezes, são mais bonitas.

Parei.

Senti naquele homem um ar de criança.

Lembrei de quando pequena, de minhas andanças imaginárias, de minhas invenções sem sentido.

Lembrei do Cola.

Mais baixinho que eu, mais gordinho que eu, franja caída sobre o olho esquerdo, os olhos da mesma cor que os meus, a camiseta listrada marrom e amarela, bermuda jeans apertada, o *All Star* que não era preto, mas também tinha cano alto, morando na minha imaginação dos meus cinco aos sete anos.

O Cola era meu confidente, meu companheiro do medo do escuro.

O Cola era meu tralalá.

Conversávamos sobre os mais diversos assuntos. Quando eu brigava com meus irmãos, era sempre ele que me confortava. Quando não era fácil ser a caçula, quando me desentendia com minhas colegas, quando a vida morria de sede, lá estava o Cola. E eu com ele.

Nos dias bons, que eram muitos, também.

Com o Cola eu falava qualquer coisa. Sobre qualquer coisa.

Com o Cola eu brincava muito, jogava basquete, desenhava, dormia.

E era um sufoco dormir com ele.

O Cola ocupava quase toda a cama, e eu dormia encolhida, querendo que ele dormisse bem.

Eu gostava muito do Cola.

Eu ainda gosto do Cola, mas um dia me disseram que ele não existia, e por isso não era real.

Será por isso que a frase de Felisdônio me fez estremecer?

Percebi que o que eu havia dito para ele foi o mesmo que me disseram quando pequena. O mesmo que me separou de meu melhor amigo.

Senti mais.

Minha infância, minhas conversas com as formigas, meus desenhos onde tudo era confuso e nada se definia muito bem: cavalos verdes, formigas gigantes, elefantes rosas, pessoas meio árvores... Quando foi que eles se foram? Quando foi que entrei para esse mundo das significâncias? Talvez o dia em que minha professora me explicou que não existem formigas gigantes. Que os elefantes são cinza. Que ou são pessoas ou são árvores: os dois juntos, sem chance.

Voltar para casa.

Chorando, contar tudo para a mãe, ouvir ela dizer que era verdade, e que eu não poderia ficar inventando essas coisas.

Acho que foi nessa mesma época que me fizeram esquecer de meu melhor amigo.

Acho que foi nessa mesma época que encaixotaram minha imaginação e me disseram quando e como deveria usá-la.

Acho que foi quando a vida, para mim, passou a ter menos vida.

> - Você pode subir e me dizer como está o tempo?
>
> Naturalmente, Liesel subiu a escada correndo. Parou perto da porta manchada de cuspe e se virou ali mesmo, observando o céu. Ao voltar para o porão, contou-lhe:
>
> - Hoje o céu está azul, Max, e tem uma nuvem grande e comprida, espichada feito uma corda. Na ponta dela, o sol parece um buraco amarelo...
>
> Naquele momento, Max soube que só uma criança seria capaz de lhe fornecer um boletim meteorológico desses. Na parede, pintou uma corda comprida e cheia de nós, com um sol amarelo e gotejante na ponta, como se fosse possível mergulhar dentro dele. Na nuvem encordoada, desenhou duas figuras- uma menina magra e um judeu murcho-, e os dois caminhavam, equilibrando os braços, em direção ao sol gotejante. Sob o desenho, Max escreveu esta frase:
>
> Era segunda-feira, e eles andavam na corda bamba em direção ao sol (ZUSAK, 2007, p. 223).

Em uma criança, a invenção não se limita: constrói-se e desconstrói-se a todo momento. Passado, presente e futuro não se diferem, pois tudo parte do novo. Não existem pré-concepções nem pré-formações do mundo e das coisas. Um meio criança de estar, um *devir criança*, uma afirmação do vir-a-ser, o permitir-se ser outros, estranhos outros os quais não se conhece. "Um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer sim" (NIETZSCHE, 1995, p. 44).

Em Nietzsche (2005), a criança é inocência e esquecimento, o que "não tem ainda um passado para negar e que brinca, na sua feliz cegueira, entre as balizas do passado e do futuro" (idem, p. 71). O erro não faz parte da criança. O erro é fruto da consciência, e para a criança a consciência é no máximo um depois. Ligada ao aqui, relaciona-se com o mundo agora. Não busca respostas nem modelos, inventa-os. Em constante movimento, não tem um passado para lembrar tampouco um futuro a zelar.

A criança vive sendo e vindo a ser.

Na escola[4].

Seria possível pensar em uma aprendizagem para além da produção de modelos e significâncias? Uma aprendizagem que esteja interessada em viabilizar conexões e agenciamentos, mais do que propor caminhos e impor soluções? Uma aprendizagem inventiva e que busque, para além da simples adaptação ao mundo, uma invenção de um mundo? Uma aprendizagem que não tenha como fim a solução, mas sim a invenção de problemas capazes de colocar o pensamento em movimento?

Apostamos em uma aprendizagem de possibilidades: para além das existências, as inexistências – talvez permitindo que, por vezes, o certo seja o errado e o errado seja o certo, distanciando-se o tanto possível de fórmulas e manuais.

Encontramos em Manoel de Barros, em suas operações de transvisão do mundo, uma maneira de pensar essa aprendizagem inventiva.

> "O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.É preciso transver o mundo.
> Isto seja:
> Deus deu a forma. Os artistas desformam.
> É preciso desformar o mundo:
> Tirar da natureza as naturalidades.
> Fazer cavalo verde, por exemplo.
> Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall."
>
> (BARROS, 2010, p. 350.)

Tirar da natureza as naturalidades.

A formiga pode ser pequena, mas ela também pode ser enorme, maior que um elefante, que por sua vez pode ser rosa, azul, amarelo. Em certo sentido, tudo pode se transformar em outra coisa, sem nomes fixos. O nome empobrece a imagem. O brincar pode ser brincar com o aprender, possibilidade que encontramos também na escrita.

Ora.

A escrita é repleta de modalidades, regras e formas; é um meio de comunicação e expressão, mas ela também é bem mais que isso. A escrita permite vagar por outros mundos, desprender-se do lugar onde tudo tem uma ordem e um significado, onde a vida parece estar enclausurada. Na escrita, desprende-se o passado do presente e do futuro. Por ela, pode-se chegar ao criançamento das palavras, lá onde elas ainda não foram modeladas pelas mãos, assim como a criança, quando garatuja o verbo, para falar o que não tem (BARROS, 2010, p. 339). Com a escrita, a formiga pode

4 Onde trata-se, como nos lembra Kastrup (2005, p. 127), "de dotar a aprendizagem da potência de invenção e de novidade".

ser maior que um elefante, o cavalo pode ser verde, os números podem ter cheiro, textura, cor. Pode-se brincar com os sentidos, inventar significados e depois esquecê-los, inverter a lógica, tal qual o poeta sendo imensado por violetas, cheirando o odor verde das lagartixas e crescendo para passarinho.

Escrever é uma passagem, é um ato devir, e "devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação (...) O devir está sempre 'entre' ou 'no meio'" (DELEUZE, 2007, p. 11).

A vida passa pela escrita, por onde se aprende.

1 + 1 = 2, mas mais: em uma árvore e uma tarde de primavera, as folhas caíam, um galho com apenas uma folha, outro galho com apenas uma folha, mas não era outono, será o vento que forte ressoava?

Que nada, um cisne as assoprava.



Cansaço do mundo acostumado.

Cansaço do adulto que só é adulto por ter pé maior, razão maior, cinza maior no olho e memória cheia no bolso.

Escrever não para preencher a folha em branco. Não para imprimir o sentido. Não para indicar o caminho.

Mas para tirar da natureza as naturalidades.

Apontamentos de Aprendiz

Palavras
Gosto de brincar com elas.
Tenho preguiça de ser sério.
Manoel de Barros, *Tratado geral das grandezas do ínfimo.*

1. Quando uma coisa muda, ela nunca muda sozinha, carregando junto alguma outra coisa. Às vezes, essa alguma outra coisa é a ideia que temos dela – e tão melhor se assim for (transver o mundo, portanto, como uma espécie de operação autopoiética, ou seja: borrar a si próprio utilizando um esticador de horizontes);
2. Para Manoel de Barros, qualquer coisa cujo valor possa ser disputado no cuspe à distância serve como matéria de poesia (está em seu *Matéria de poesia*: a primeira linha, a primeira página). Dizer: e como matéria de aula também. Lembrar: *Aula*, de Roland Barthes: o que é opressivo em um ensino não é exatamente o saber a ele vinculado, mas sim o modo através do qual esse saber é proposto (se for preciso operar em outros planos: é a maneira de tratar que conta, diria Céline);
3. Lembrar de partir das coisas, sem distinção. Qualquer coisa, portanto, desde que intacta, distante da usura da vida (não tanto a matéria, mas sim o jeito de tratá-la: questão ético-política, questão de artesania, de estilo de vida implicado: e que não seja por uma moralidade demasiado humana que isso valha mais que aquilo);

4. Não cantar, muito menos falar. Gorjear (gorjeios pulam muros);
5. Saber, desde que com sabor (outra vez, a *Aula*): *Bakery* Pedagogia: um toque disso, um toque daquilo, cuidadosamente temperados e bem preparados. Sem excessos, sem livros de receita, e sem máquinas, porém. O sabor, sempre ele (e por consequência, a carne, confiável balança);
6. Esse vício irresistível de amar os restos e as coisas jogadas fora – eis a nossa competência, habitantes de taperas e adoradores de deseróis que somos. Um vício estranho, por certo, sem deuses e sem causa. Temos, é claro, ganhos (sendo um vício, como não haveríamos de tê-los?), verdades com as quais, mesmo na mais escura das noites, sorrimos: um riso tonto, uma graça sem gravidade, um ombro que balança. E temos (perdoai-nos, portanto) uma crença, essa febre intratável que nos diz que é no abandono das coisas que encontramos sua verdade.
7. Fantasiamos nadifúndios; empoemamentos educativos e educações para nada; currículos de restos; troços pedagógicos; professores bocós; verões no meio de pedras; rios nas costas de rãs; ouvir vozes do chão (chão é um ensino); sabedorias vegetais; antesmentes verbais; tirar da natureza as naturalidades; incompletudes; desnomeações; seres sós e ocos; pré-coisas; desutensílios.

   Etc.

   Etc.

   Etc.

   No descomeço está o delírio.
8. Não precisamos do fim para chegar.

Referências

AZEVEDO, Lucy Ferreira. *Paixões em Manoel de Barros:* a importância de ser pantaneiro. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2008.

BARROS, Manoel. *O guardador de águas*. São Paulo: Art Editora, 1989.

BARROS, Manoel. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BARROS, Manoel. *O livro das ignorãças*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BARROS, Manoel. *Livro de pré-coisas*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BARROS, Manoel. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BARROS, Manoel. *Matéria de poesia*. São Paulo: Record, 2001.

BARROS, Manoel. *Arranjos para assobio*. São Paulo: Record, 2002.

BARROS, Manoel. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, Manoel. *Poeminhas pescados numa fala de João*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BARROS, Manoel. *Memórias inventadas* – a infância. São Paulo: Editora Planeta, 2003.

BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Cultrix, 2007.

CARLAN, Carina Prina. *Princípios criativos concebidos a partir das noções de pré-coisas e da atividade de transver de Manoel de Barros*. Dissertação (Mestrado em Design). Programa de Pós-Gradução em Design,

Escola de Engenharia, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

CASTELLO BRANCO, Lucia. *Chão de letras*: as literaturas e a experiência da escrita. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

CONCEIÇÃO, Mara. *Manoel de Barros, Murilo Mendes e Francis Ponge:* Nomeação e Pensatividade Poética. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2006.

DELEUZE, Gilles *Cinema II:* A imagem-tempo. São Paulo: Brasilense, 2007.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. *Mil platôs 4*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

GALLO, Sílvio. *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KASTRUP, Virgínia. "Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre". In: *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 26, n. 93, p.1273-1288, Set./Dez. 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. "II consideração intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida". In: *Escritos sobre história*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

SOUZA, Elton Luiz Leite de. *Manoel de Barros:* a poética do deslimite. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

ZUSAK, Markus. *A menina que roubava livros.* Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.